

**A DISCURSIVIDADE DO GÊNERO CHARGE
EM AMBIENTES DIGITAIS**

Daniela da Silva Vieira (UFSJ)

danibraxton@ig.com.br

RESUMO

Segundo Marcuschi (2004), as novas tecnologias, em especial o computador, têm sido incorporadas de forma intensa, no cotidiano das pessoas e das instituições. Assim, considerando que o uso da língua é afetado diretamente pelo contexto, considera-se que a linguagem também tenha sido modificada de forma direta por essas tecnologias. O autor ressalta que uma das características mais produtivas do computador é reunir, num só meio, a integração de vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas de movimento e que a linguagem dos gêneros advindos das novas tecnologias “torna-se cada vez mais plástica, assemelhando-se a uma coreografia” (p.21). Analisamos que no caso dos gêneros que já apresentam um determinado uso e funcionalidade, como é o caso da charge – que recorrentemente satiriza algum fato polêmico – o investimento nas tecnologias permite enfatizar, ainda mais, os seus objetivos. O objetivo dessa pesquisa é analisar como charges multimodais, criadas por Maurício Ricardo e oriundas do site <http://www.charges.com>, constroem a identidade da política brasileira, a partir da análise crítica de escândalos políticos cometidos pelos senadores Renan Calheiros e José Sarney, no segundo mandato do presidente Lula. Ao final da pesquisa reconhecemos que a integração do verbal, do visual, do sonoro e o movimento, inseridos juntamente no contexto multimidiático enriquecem consideravelmente a composição das charges, por endossarem, em mais de um meio, a representação da política brasileira, através da representação dos escândalos políticos do senado. Partido da importância de cada um desses elementos, percebemos, após a análise dessas diferentes semioses, que as charges podem ser consideradas uma prática social por construir um discurso a partir de diferentes semioses e fazer uma crítica reflexiva particular sobre a política brasileira. Para analisarmos as charges, utilizaremos os pressupostos teóricos da análise crítica do discurso, da multimodalidade, da linguística sistêmico-funcional e da concepção de gêneros textuais, segundo Marcuschi (2005).

1. Introdução

Marcuschi (2005) ressalta que, nos últimos dois séculos, as novas tecnologias propiciaram “uma maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento” (MARCUSCHI, 2005, p. 21). Em nossa pesquisa, temos o intuito de analisar algumas charges provenientes de ambiente multimídia (computador) e relacionar, além dos recursos convencionais (o verbal e o visual), os demais elementos diferenciados que as compõem – o som e a animação (movimento) – para investigar como eles complementam a mensagem veiculada pelas charges. Consideramos que analisar o gênero chargístico

seja uma proposta interessante e produtiva de estudos, por ele satirizar e criticar fatos da sociedade, explorando eventos políticos polêmicos de nosso país, tais como os escândalos que envolveram Renan Calheiros e José Sarney: Calheiros utilizou dinheiro público – direcionado à construção de obras públicas, encarregadas pela empreiteira Mendes Júnior – para quitar dívidas pessoais, como o pagamento da pensão de uma filha, proveniente de uma relação extraconjugal. José Sarney foi acusado de dar emprego para seu neto, nomeando-o para um cargo público durante seu mandato, sem que ele tivesse sido aprovado em concurso. Esses escândalos estão relacionados diretamente à política brasileira, mais precisamente ligados ao período do segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, momento em que nos concentramos em nossas análises.

2. Aspectos recorrentes na tipificação do gênero charge

Miller (1984), baseada na fenomenologia de Schütz (1973), considera que toda situação deva ser interpretada dentro de um contexto específico e ancorada em ações recorrentes, pois o gênero se torna uma prática social, isto é, um mecanismo de ação. Assim, mais especificamente em relação ao gênero charge, “estamos defendendo que, ao produzir uma charge, o cartunista parte do conhecimento que possui sobre tal gênero em sua sociedade” (CAVALCANTI, 2008, p. 15), pois ele se utiliza dos aspectos recorrentes do gênero charge, para desenvolver seus propósitos comunicativos, numa situação específica. Dessa forma, “por ser uma prática social estabelecida, o produtor deste texto segue uma organização formal esperada pelos interlocutores” (CAVALCANTI, 2008, p. 15), para que o leitor consiga identificar que “aquilo” seja uma charge.

Em nosso *corpus*, deduzimos que os elementos funcionais mais recorrentes do gênero charge, isto é, os aspectos básicos da experiência comum que os sujeitos podem captar para aferir o que seja uma charge são: a) quanto ao formato, o gênero charge é composto de um código verbal, visual (figuras) e cores, o qual aborda fatos reais em quadros ilustrativos que podem conter balões ou não, e apresenta um caráter essencialmente visual; b) o tema mais frequente são fatos políticos, ou informações provenientes da esfera política, veiculados de forma rápida e bem humorada; c) a intencionalidade mais recorrente do gênero charge seria proporcionar uma crítica social, como por exemplo, sustentar uma opinião de forma crítica com teor argumentativo, enfatizar pessoas conhecidas

pelo público e criticar e zombar de fatos ou situações reais, relacionadas a um determinado momento.

Ao considerarmos a perspectiva de Miller (1984), percebemos em cada situação específica, num dado momento histórico, pode-se recorrer a outros elementos para que se tente exprimir um propósito particular, observamos que Maurício Ricardo – além dos recursos considerados recorrentes (como apontado acima) – fez uso de uma ferramenta nova, muito presente nos dias de hoje: o suporte informático das novas tecnologias (computador) que pode realçar, ainda mais, o objetivo do produtor, através da convergência entre diferentes elementos (o som, a imagem, o movimento e as palavras) na construção do sentido do texto.

No caso do gênero charge, podemos reconhecer que as novas tecnologias, a partir de sua configuração (som, cores, animação), é um recurso que revigora o formato das charges, porém, é o fenômeno intersubjetivo e o seu propósito que permanecem recorrentes (as charges satirizam alguma coisa ou alguém, de forma constante) tornando-as um exemplo de ação social, por dar um posicionamento crítico a assuntos da atualidade.

3. Metodologia de análise das charges

Quanto ao aspecto linguístico-discursivo, priorizaremos duas categorias linguísticas: a) o “uso dos modais”: os adjuntos de modo – considerando as subcategorização de Bernardino (2007) – e verbos modalizadores presentes nas charges) e b) o “modo verbal”. Tais categorias de análise do verbal (e também do visual) são provenientes da gramática sistêmico-funcional de Halliday (1994), mais precisamente da metafunção interpessoal. Essas categorias linguísticas, assim como as das demais metafunções hallidayanas, são, posteriormente, adotadas por Gee em sua análise do discurso.

Para analisarmos os elementos visuais da charge, adotaremos as categorias do significado interativo propostas por Kress & Leeuwen na gramática do design visual. Elas são: a) contato – relaciona a interação entre os participantes e observadores a partir da troca de olhares; b) “distância social”- caracteriza a distância existente entre os que estão representados e o observador da imagem, c) “perspectiva” – seleciona um ponto de vista (um ângulo ou um enquadramento) que sugira um maior ou menor envolvimento entre observador e o participante representado a

partir da imagem e d) “modalidade” – refere-se à utilização dos marcadores de modalidade (contextualização, representação e cores).

As charges eletrônicas que compõem nosso *corpus* apresentam imagens em movimento. Por isso, adotaremos a teoria telefílmica de Rick Iedema (2000), pelo fato de ela nos permitir fazer um recorte das imagens em cena que reconstitui uma unidade estática experienciada como concreta, que tem uma continuidade no tempo e no espaço.

Além dos elementos verbais e visuais e o movimento, ainda analisaremos o componente sonoro, como um aspecto composicional do *corpus*. Por terem o suporte da Internet, as charges oferecem para o seu leitor a opção de ouvir a fala dos participantes, assim como apresentar a melodia das músicas que compõem as charges.

4. Análise multimodal da charge Borboletas

Em *Borboletas*⁵, podemos encontrar fatos que podem ser encarados como reais ou hipotéticos, considerando o modo indicativo ou subjuntivo.

Percebemos que os fatos tidos como verídicos, isto é, expressos no modo indicativo, estão divididos em três noções:

- a) Ações recorrentes (habituais) no presente:

“Quanto mais o tempo passa mais a gente faz trapaça”.

“E a gente num presta satisfações pra ninguém!”.

“Sempre escapamos”.

“Picaretas sempre voltam!”.

- b) Ações recorrentes (habituais) no pretérito:

“Nenhum de nós jamais dançou!”.

Ao observarmos as ações recorrentes de “a” e “b”, percebemos que, habitualmente, os senadores cometem atos ilícitos variados, como nos sugere o item lexical “trapaça” na primeira oração. Mesmo a partir

⁵ Para a visualização integral da charge, assim como das imagens apresentadas neste artigo, acesse <<http://charges.uol.com.br/2009/06/30/sarney-e-renan-borboletas/?modo=baloes>>.

da constatação desse fato, os senadores, através das declarativas, admitem que recorrentemente não prestam satisfações, o que implicaria na reeleição dos mesmos, já que eles sempre escapam e voltam ao Senado, mesmo sendo “picaretas”. A oração “Nenhum de nós jamais dançou!”, expressa no pretérito, reforça a noção de impunidade, o que nos permite interpretar que isso seja uma verdade permanente, pois até o momento, isso nunca aconteceu (“jamais”) de acordo com o sentido da declarativa anterior.

c) Opinião do falante no momento da fala:

“Não vai ter fim!”.

“A culpa é de quem vota e elege quem não vale nenhum vintém!”.

Ao declarar a proposição “Não vai ter fim”, Sarney endossa ainda mais a noção da impunidade como fato real e recorrente. Para ele, essa questão será repetidamente realizável no futuro. Essa noção vem do uso da construção perifrástica “vai ter”, que nos dá a noção temporal de futuro.

Como a causa da impunidade, Sarney declara que esta seja atribuída ao próprio eleitor, que reelege pessoas corruptas, isto é, “que não valen nenhum vintém”. Dessa forma, consideramos que a única forma da impunidade ter fim, é evitar votar em “picaretas”.

d) Verdades permanentes:

“Senador é especial!”.

Considerando todas as questões discutidas anteriormente, ou seja, que os senadores sempre escapam das punições, torna-se viável, a partir da fala de Renan Calheiros que “senador é especial”, classificando-a como uma verdade permanente, um fato tradicional no Brasil.

Os fatos hipotéticos são expressos pela oração expressa na cena “Porque se a gente fica mal é só renunciar”. Essa declarativa indica uma baixa probabilidade, pois apresenta um fato hipotético de acontecer no futuro, isto é, caso haja a possibilidade da punição, os senadores já têm uma saída, que seria a renúncia do cargo, o que significa, não ter que assumir o envolvimento deles em escândalos políticos. Considerando essa

hipótese, os senadores “renunciariam” ao cargo para que ficassem ilesos às fraudes.

No que diz respeito ao aspecto da modalidade presente em algumas charges apresentadas acima, percebemos que alguns fatos teriam graus diferentes quanto à sua realização:

“nenhum de nós jamais dançou”.
“Eu nunca admito!”,
“Sempre escapamos!”

Ao analisarmos as orações acima, observamos que a declarativa “nenhum de nós jamais dançou”, é tida como “baixa modalidade”, isto é, como uma probabilidade remota de acontecer, pois “jamais” é um adjunto modal de usualidade, que indica baixa frequência. Dessa forma, podemos atribuir que a possibilidade deste fato acontecer, seja remota. Quanto a frequência pela qual os senadores admitem os atos ilícitos cometidos, percebemos que é nula, é o que sugere o adjunto de modalidade “nunca”, ou seja, uma baixa frequência. Por outro lado, o modalizador “sempre”, representa uma alta frequência de um fato: o de que os senadores sempre saírem ilesos às fraudes cometidas.

A charge *Borboletas* apresenta imagens do tipo demanda, o que implica um convite do participante ao observador, convidando-o à interação a partir do olhar, na maioria das cenas⁶:



Figura 1⁷



Figura 2

⁶ O recorte dos quadrinhos seguiu a metodologia de Idema (2000), a qual os permite fazer um recorte estático das imagens em movimento. Essa categoria da teoria telefilmica nos proporciona analisar, de forma mais detalhada, as imagens, isto é, destacar e analisar com mais precisão os diferentes tipos de ângulos, distâncias, focos e perspectivas providos de movimento.

⁷ Todas as figuras foram extraídas do endereço eletrônico:
<http://charges.uol.com.br/2009/06/30/samey-e-renan-borboletas/?modo=baloes>

A relação imaginária estabelecida entre participantes e leitores sugere que as proposições apresentadas nessas cenas têm alta credibilidade, pois ao proferi-las, os personagens fixam seus olhares diretamente para o observador, o que reforça o conteúdo enunciado. Nesses olhares, interpretamos que os participantes estabelecem uma relação com o observador, indicando-lhe que as cenas apresentadas são uma advertência que os políticos direcionam aos observadores: a ideia de que os mesmos serão reeleitos pelo povo brasileiro. Esse ponto de vista sustentado pelos senadores é reforçado pelo semblante aliviado de Renan Calheiros e o sorriso expresso por Sarney, na cena final dessa charge:



Figura 3

Em *Borboletas*, no tocante à distância social, presenciamos a alternância entre os planos fechado e médio, o que indica que o assunto a ser abordado está bem próximo da realidade do leitor. Tal alternância está atrelada ao fato de algumas informações estarem mais enfatizadas do que outras, a partir do foco. A cena em que aparece a declaração “A culpa é quem vota e elege quem não vale nenhum vintém” é apresentada em plano fechado, por ser a causa primordial para a corrupção do senado, ou seja, a reeleição de “picaretas” pelos cidadãos.



Figura 4



Figura 5

Nas imagens de plano médio, a seguir, temos que “senador é especial/sempre escapamos” são fatos proporcionados por essa inadimplência do eleitor e que vem se tornando uma tradição na política brasi-

leira:



Figura 6



Figura 7

Em *Borboletas*, o ângulo utilizado para apresentar as imagens é o frontal, o que sugere que o conteúdo exposto pelos quadros faça parte do mundo do observador, tido como o responsável pela reeleição de picaretas, que geralmente saem impunes às fraudes cometidas, como podemos observar nos quadros abaixo:



Figura 8



Figura 9



Quanto à modalidade e *Borboletas*, podemos dizer que o cenário que compõe essa charge é composto por tons diferenciados de verde, contrastados com a cor azul, o que demonstra um equilíbrio, entre cores mais suaves. A representação do congresso nacional é composta pelo detalhamento dos objetos que o compõem: o formato das cadeiras e o quadricular do telão onde são apresentados os votos. A contextualização do cenário é composta pelo brasão da República Federativa do Brasil, jun-

tamente com o microfone, que, apesar de estar sendo usado para o canto, é um objeto pertinente ao cenário. Isso nos permite dizer que a contextualização pictórica foi bem articulada, isto é, percebemos que as cenas têm um alto grau naturalístico, nos sugerindo que a representação dos participantes e do cenário se aproximam bastante do que experienciado no real, contribuindo para a credibilidade dos fatos representados pelas imagens.

Fazendo um breve panorama das categorias que compõe *Borboletas*, percebemos, no tocante ao verbal, que o modo declarativo se destaca em detrimento dos outros, isso porque o propósito comunicativo da charge é apresentar para o observador a situação real dos senadores, que é saírem ilesos de todas as fraudes. As imagens, também vão sustentar ideia, primordialmente pelas categorias oferta, plano médio e ângulo frontal, esse último sugerindo a aproximação do observador da proposição.

Quanto ao aspecto sonoro, percebemos que a expressão “borboletas sempre voltam” da letra da música original de Victor e Léo, foi resignificada dentro do contexto político: assim como, “as borboletas sempre voltam para o jardim”, “os senadores sempre voltam para o senado”. Essa ideia pode ser percebida a partir do discurso: “Picaretas sempre voltam! Vocês vão nos reeleger!”. Esse é um tipo intertextualidade explícita, já que o nome da música é citado no início da charge.

Assim, podemos dizer que o som reforça, ainda mais, a intertextualidade representada pelo elemento verbal, tornando-se um elemento importante para a inferência de significado.

Na charge *Borboletas*, a animação aproxima os participantes representados de cantores populares: o movimento focaliza o dedilhar de Renan Calheiros no violão o que o aproxima da imagem de um músico, enquanto José Sarney é apresentado como um intérprete – a partir da movimentação de seus lábios juntamente com o som da música.

5. Considerações finais

A partir da análise multimodal das charges, consideramos que o som e o movimento endossam ainda mais o caráter naturalístico das charges. Através do primeiro elemento, temos acesso ao sotaque do participante e à gesticulação do participante, o que contribui para uma representação detalhada dos personagens; enquanto que o segundo elemento, isto é, o movimento, dinamiza todos os outros modos, integrando-os num

mesmo espaço de tempo, e ao mesmo tempo reforçando o propósito comunicativo da charge, que é fazer crítica política.

Dessa forma, podemos afirmar que a integração do verbal, do visual, do sonoro, juntamente com o movimento, inseridos no contexto multimidiático enriquecem consideravelmente a composição das charges, por endossarem em mais de um meio a representação dos escândalos políticos que envolveram os senadores Renan Calheiros e José Sarney.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDINO, Cibele G. *O metadiscurso interpessoal em artigos acadêmicos: espaço de negociações e construção de posicionamentos*. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-745PUB/1/cibele_ghernardino_tese.pdf>. Acesso em: 19-11-2010.

CAVALCANTI, M. C. C. *Multimodalidade e argumentação na charge*. Recife: O Autor, 2008.

GEE, J. P. *An introduction to discourse analysis: theory and method*. Great Britain: Routledge, 1999.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

IEDEMA, R. *Analysing Film and Television: a Social Semiotic account of Hospital an Unhelthy Business*. In: LEEUWEN, T. V.; CAREY, J. *Handbook of visual analysis*. London: Sage, 2001.

KRESS, G.; LEEUWEN, T. V. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London: Routledge, 2006.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucenna, 2005.

RICARDO, Maurício. *Borboletas*. Disponível em: <<http://charges.uol.com.br/2009/06/30/sarney-e-renan-borboletas/?modo=baloes>>. Acesso em: 31-03-2014.

SCHÜTZ, A.; LUCKMANN, T. *The Structures of life-world*. Trad.: M. Zanner e H. Tristram Engelhardt, Jr. Evanston Hz: Northwestern University Press, 1973.